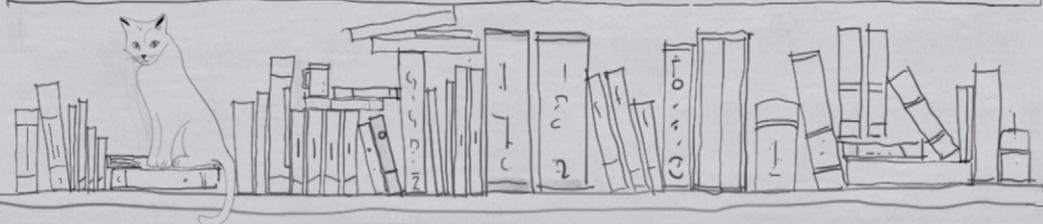
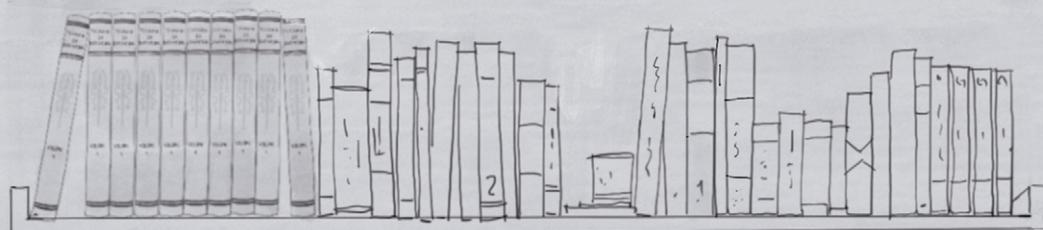
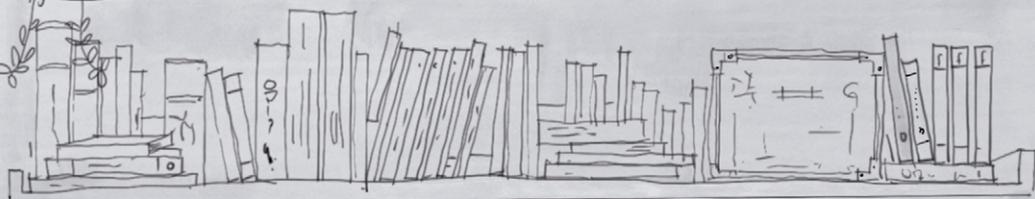
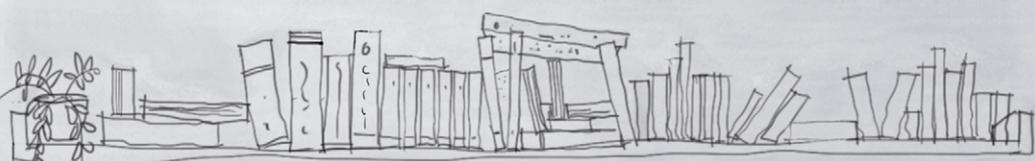
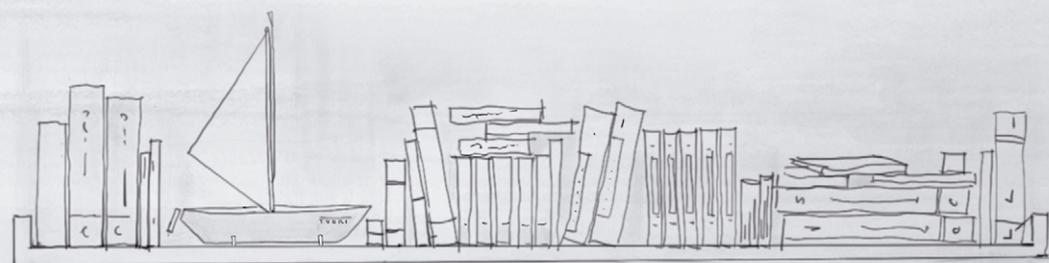


Rascunhos de Vida



Teresa Montero Otondo

Rascunhos de Vida

entre livros e escritos



Copyright © Grupo Editorial Coerência, 2024
Copyright © Teresa Montero Otondo, 2024

Todos os direitos desta edição reservados ao Grupo Editorial Coerência.
Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida através de
qualquer meio existente sem a autorização prévia da editora.

DIREÇÃO EDITORIAL

Lilian Vaccaro

REVISÃO

Laryssa Fazollo

PRODUÇÃO GRÁFICA

Giovanna Vaccaro

CAPA

Catherine Otondo

DIAGRAMAÇÃO

Michael Vasconcelos

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Otondo, Teresa Montero

Rascunhos de Vida / Teresa Montero Otondo - 1ª edição -
São Paulo: Coerência, 2024

ISBN: 978-85-5327-254-9

CDD: B869.4

Índices para catálogo sistemático:

1. Crônicas I. Título



Centro Empresarial Jaguari | Avenida Marcelo Stefani 15
Módulo 60 | Bragança Paulista | SP | 12914-490
www.editoracoerencia.com.br
Tel.: (11) 9.8020-0810

Tantas coisas se passaram
Outras tantas se esqueceram
Aqui ficam mal traçados,
Estes Rascunhos de Vida.

Para

Catherine, Françoise e Justine, minhas filhas, e os netos
Thomas, Martin e André, Jorge, Pedro e Gabriel.

Agradecimentos aos colegas da equipe fundadora do
JT que me acolheram e ensinaram a ser jornalista.

E minha gratidão à memória de Nilo Scalzo, que
também amava os livros e me ensinou a escrever.

I

OS LIVROS

1

O livro

O livro não existe sem leitor. É o leitor que lhe dá vida. O livro é mais do que páginas escritas e suas histórias. Tem corpo e alma à sua maneira. E caráter também.

Meu avô uruguaio era ávido leitor e, usando uma expressão corriqueira, um amante dos livros. Na extensão de seu quarto, face ao amplo vitral que dava para o jardim, tinha no centro a mesinha redonda e duas poltronas de lado. Ali recebia as caixas de livros encomendados na França, que chegavam de barco.

Ninguém podia entrar no quarto do avô. Eu escapulia das estrepolias com os primos e sorrateira me sentava na outra poltrona, quase escondida pela caixa dos livros. Abrir a caixa e depois os livros com o abridor de páginas, o de prata ou de osso, era um momento solene. Mas primeiro o avô ia tirando um a um da embalagem. Olhava, acariciava, lia a capa, a contracapa, separava, voltava, folheava. Sempre em silêncio, gestos lentos e suaves... uma sensação física de prazer que iluminava seus olhos azuis e o levava para um mundo de palavras que só ele conhecia. Me lembro com saudades do cheiro de livro novo. Depois eles pegam outros cheiros, dependendo da vida que seu dono lhes dá. E a faca de prata de abrir páginas, que herdei de meu pai, virou enfeite de mesa.

Outro amante dos livros era meu editor no jornal. As caixas chegavam do mesmo jeito. Cortar o barbante... digo, a fita colante, rasgar

o papel, abrir a caixa e ir tirando os livros. Separar segundo temas, gêneros, autores, decidir a publicação... Eu, afoita e diligente, queria ganhar tempo. Mas ele queria tempo para conhecer cada livro. Revejo ali os gestos de meu avô, suaves, acariciantes, que viram e reviram o livro nas mãos. Os olhos castanhos vagueiam sem se deter pelas páginas que já vêm abertas. Sem dizer nada, coloca um ou outro de lado e o resto, empilhado na nossa mesa comum, fica a meu critério.

O mais singular foi sem dúvida Borges, que fez dos livros sua vida e da escrita seu propósito, ao assumir já cego a diretoria da Biblioteca Nacional da República Argentina, cargo que odiou, mas conservou por necessidade, de 1955 a 1973, ao longo dos seis golpes que a Argentina sofreu nesse período.

Poema de los dones

Nadie rebaje a lágrima o reproche

Esta declaración de la maestría

De Dios que con magnífica ironía

Me dio a la vez los libros y la noche.

Borges reconhecia os livros — para além de seu conteúdo intrínseco — como seus companheiros. Vi-o acariciar, sopesar, revirar um livro nas mãos e deixá-lo descansar a seu lado, junto com a inseparável bengala. Foi em agosto de 1970 quando Jorge Luis Borges esteve em São Paulo a convite da Câmara Brasileira do Livro para inaugurar a primeira Bienal Internacional do Livro.

No silêncio daquele quarto austero, sentia o leve aroma das flores de jasmim que trepavam pelo terraço. E fitava o brilho da faca de prata abrindo as páginas virgens daqueles livros solenes, de capas todas iguais... como os que tenho, ainda hoje bem arrumadinhos, no topo de minha biblioteca.

A faca de prata que herdei de meu pai dorme como enfeite em cima da mesa.

2

Meu primeiro livro

Meu primeiro livro... como me lembro dele. O branco liso do papel, o cheiro de livro novo, as páginas intocadas e as imagens coloridas. Sensações! Expectativa...

Ficou aquele ligeiro cheiro de livro novo, o mesmo cheiro que reconheci, uns 40 anos depois, na livraria de Stanford e que minhas filhas também conhecem.

Era o livro de inglês tão esperado. Maravilhada, abro a primeira página.

Tom is a boy. He has a red wagon. Na época os meninos não brincavam com carrinhos, não existiam como brinquedo. Era o wagon – uma carretinha para apanhar folhas no quintal, ou carregar coisas. Brinquedo de menino.

Eu também queria um *red wagon* como aquele... vermelho. Podia fazer tantas coisas com ele!

Ansiosa, procurei por Mary na outra página. Queria saber como ela era e o que ela tinha. Mary não estava... ela não tinha uma página dizendo *Mary is a girl. She has a...*

O que ela deveria ter? Uma boneca? A história perdeu a graça e o inglês também. Mas nunca me esqueci da Mary.

3

Velhos companheiros

Velhos companheiros. Estão por toda parte. Esparramados. E, como num passe de mágica, este ou aquele aparece de repente, até mesmo na página certa, para preencher uma lacuna. Uma ideia, um sentimento, pensamento, talvez, a frase que falta para um artigo, para o momento. Atentas e presentes sentinelas.

Velhos companheiros... está na hora de nos separarmos. Não todos de uma vez, sem despedidas, por mais que custe. Passados 80 anos, nossos caminhos se desviam. O tempo e o espaço são outros. Que dor.

Muitos já se foram quando troquei São Paulo por Bragança Paulista, terra natal de Cásper Líbero. Esses ganharam casa nova e visito de vez em quando. Alguns estão parados, mas estão bem.

Os de minha profissão, jornalismo, comunicações e temáticas correlatas estão guardados e cuidados na coleção que leva meu nome, no CDAPH (Centro de Documentação e Apoio à Pesquisa em História da Educação) da Universidade São Francisco de Bragança Paulista, à espera de algum pesquisador curioso e interessado... quem sabe.

Livros, documentos, escritos, testemunhas — ainda mudas — de histórias lá do século passado, meados dos anos 60, retrato

de uma época, uma geração que deixou sua marca com o lançamento do *Jornal da Tarde*. Cinquenta anos de história e memória, do telefone fixo, aquele preto de disar, à Inteligência artificial e ao ChatGPT. Quando penso... sinto um frio na espinha. Onde está aquela emoção da entrevista cara a cara, sem câmaras nem testemunhas, apenas um discreto e habilíssimo fotógrafo capaz de pescar aquele instante singular.

Os de literatura brasileira e portuguesa estão abrigados na ASES, Associação dos Escritores de Bragança Paulista, que promove os talentos locais e o gosto pela leitura desde 1992. E, no descanso da escada que leva ao estacionamento do Mercado Central, lá no centro, há uma prateleira generosa que acolhe livros sem qualquer discriminação de tema ou língua, dos mais técnicos aos mais românticos, passando pelos escolares até mesmo cabeçudos. Quem leva, não sei. Mas não ficam ali esquecidos. Deixo os que podem fazer bem ao maior número e os mais técnicos. Importante é que circulem.

Os dezoito volumes do *Tesouro da Juventude* que me acompanham desde meus 10 anos foram para a escolinha rural mais próxima. Bastante batidos pelo tempo, foram meus mais fiéis companheiros, mas não encantaram os netos, adeptos das telas virtuais. Na escolinha valem talvez como símbolo de um passado feito de leituras, aventuras e porquês — o livro era assim! A capa azul, as imagens fantásticas, o mundo, o cosmos, o universo e as histórias das coisas, dos homens e dos animais.

O tempo passou. Fiz prateleiras novas para colocar os que ainda estavam espalhados por todo canto e separar alguns. História de agitar um pouco o espírito embotado pelo isolamento social exigido pela pandemia e liberar espaço. Houve rebelião.

No meio da noite a prateleira caiu e todos foram ao chão. E como sempre, instalaram-se por toda parte, em cima da mesa

de centro, nas poltronas, nos cantos livres. Se misturam e se escondem — vai que vai precisar de um ou outro deles logo mais. Parecem dizer... Não querem ir embora.

Como separá-los? Querem, quem sabe, que fale deles. E tropeço, assim sem mais, no livro de Ursula E. Katzenstein, *A Origem do Livro da Idade Média ao advento da impressão tipográfica no Ocidente*. Belo tema. Pensadores e inventores materializam e perpetuam a palavra no livro e no tempo. Livro de guarda, digo. E busco outros que lhe façam companhia.

Procuro então um livro gordo de capa azul sobre a história do livro no Brasil. Ele estava ali, naquela pilha, tenho certeza. Não faz pouco esteve nas minhas mãos. Ainda não sabia o que fazer com ele. Agora sei, mas continua escondido. Prometo que vou escolher um lugar bem bonito para ele ficar... se conseguir escrever esta história.

Lembro de repente o discurso de Le Clézio ao receber o Nobel de Literatura na Suécia em 2008: *La Forêt des Paradoxes*. Uma apaixonada defesa do livro, aquele que você leva debaixo do braço por toda parte¹. Os livros são um bem mais precioso do que os bens imóveis e altas contas em banco, afirma. E defende a liberdade de escrever, ler e editar. Dá ênfase especial à edição. Assim como à circulação livre e acessível dos livros, por toda parte, para todos. Ou seja, conclui: alimentação e alfabetização andam aos pares. O livro precisa de leitores para existir, já dizia Lygia Fagundes Telles.

AH!!! Achei o livro de capa azul. Estava na poltrona, ao lado da pilha dos livros de histórias verdadeiras de velejadores solitários, que contam suas aventuras e desventuras em alto-mar. Destes — todos em francês — não consigo desapegar. São como boias salva-vidas

1. nobel.prize.org

nos momentos de tristeza solitária. Lidos e relidos. Basta folhear, acariciar a capa, sentir o cheiro do papel envelhecido... ainda que a qualidade da edição, destinada à grande circulação, deixe a de-sejar. São eles que vão para as novas prateleiras, acho. Com os de autoajuda, talvez. Não, estes têm outra vibração.

Finalmente abro o fujão de capa azul. *O Livro no Brasil (sua história)* é fruto de tese do pesquisador inglês Laurence Hallewell. Conta em 700 páginas a história da produção de livros no Brasil. Uma aventura fascinante e pouco difundida. As editoras e seus editores, as livrarias e seus livreiros, os escritores como autores e atores, com suas obras e seus encontros nas livrarias, palco reflexo dos acontecimentos políticos, culturais, sociais e econômicos da época. Uma viagem no tempo. Outra faceta da história do Brasil. A mesma história. Outro ponto de vista. A história do pesquisador talvez valesse uma pesquisa. Um livro precioso.

E agora... já cansada, passeio distraída entre as desordenadas estantes e os livros espalhados. Quais vou levar para a nova prateleira... Devem ser os menores e mais leves, talvez. E minha mão para num deles. Um nome me chama a atenção: Werneck! Desse eu não me lembrava. Nem estava procurando: “O que se deve ler para conhecer o Brasil”, de Nelson Werneck Sodré, quinta edição, de 1976. A primeira foi em 1945. Exemplar número 1035. Esse fica, junto com os outros. Alegria.

Hora de apagar a luz. Olho distraída, mais uma vez, meus livros ainda esparramados. Minha própria biblioteca é datada... fala muitas línguas... penso... como eu. Meus livros, velhos companheiros. Sorrio.